

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE DRAG QUEENS NO DOCUMENTÁRIO PARIS IS BURNING

DRAG QUEENS' IDENTITY CONSTRUCTIONS IN "PARIS IS BURNING"

Larissa de Oliveira Bustillos Villafan - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Antonio José Barbosa de Oliveira - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Maria José Veloso da Costa Santos - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A pesquisa investiga os sistemas de representação que se manifestaram em uma comunidade de drag queens retratada no documentário *Paris is Burning*, em meados de 1980. Apoiase no conceito de representação, entendido como a produção de sentido que se dá por intermédio das diversas manifestações de linguagem. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, utilizando-se o método Análise do Discurso à luz do conceito de indexicalidade e da aplicação de cinco pistas indexicais como instrumental analítico das narrativas. Os resultados da análise apontaram para formas pelas quais os sistemas de representação atuaram nos narradores e resultaram em determinadas representações veiculadas pelo documentário.

Palavras-chave: representação; narrativas; *Paris is Burning*.

Abstract: This study investigates the systems of representation that manifested in a community of drag queens portrayed in the documentary *Paris is Burning*, in the mid-1980s. It is based on the concept of representation, understood as the production of meaning that occurs through the various manifestations of language. This is an exploratory research that uses discourse analysis as a method, in light of the concept of indexicality and the application of five indexical cues as an analytical instrument for the data. The results of the analysis pointed to ways in which the systems of representation acted on the narrators and resulted in certain representations conveyed by the documentary.

Keywords: Representation; Narratives; *Paris is Burning*.

1 INTRODUÇÃO

A presente comunicação investiga os sistemas de representações que se manifestaram em uma comunidade de *drag queens* do *Harlem*, bairro de maioria negra da cidade de Nova York, Estados Unidos da América (EUA), em meados de 1980. Utiliza para a análise discursiva o documentário *Paris is Burning* ([2016]), apoiando-se no conceito de representação, quando interligado aos conceitos de memória, narrativas e construções

identitárias, que é entendida como a produção de sentido que se dá por intermédio das diversas manifestações de linguagem.

Paris is Burning (ou 'Paris em Chamas', em tradução livre) trata-se de um documentário dirigido pela cineasta Jennie Livingston sobre a subcultura dos bailes de *drag queens* do Harlem. As filmagens ocorreram entre 1985 e 1989, considerado período extenso de produções nos EUA, que se explica pelo fato de que, na época, em meio ao conservadorismo extremo presente na gestão presidencial Regan/Bush, levantar fundos para financiar um filme sobre uma comunidade negra, pobre e homossexual mostrou-se extremamente difícil. Segundo Hilderbrand (2013), *Paris is Burning* surgiu exatamente quando a própria categoria de 'identidade' começou a ser interrogada (principalmente a identidade de gênero), e quando a interseção entre raça, gênero e sexualidade começou a ser reconhecida, configurando-se então como uma obra significativa para abordar essas temáticas.

O documentário compõe, desde 2016, o Registro Nacional de Filmes da *Library of Congress* dos Estados Unidos da América, coleção que é mantida a partir da seleção de filmes que são considerados obras de extrema importância para a cultura norte americana, uma vez que refletem sobre o povo e a nação. Tais filmes são destinados à organização e ao tratamento técnico, que vão desde a disponibilização pública e on-line até a sua preservação e conservação, assegurando sua sobrevivência enquanto patrimônio cultural.

A informação registrada é o insumo e o objeto de estudo da Ciência da Informação, assim, acredita-se que a relevância deste trabalho se pauta no fato de que produções cinematográficas também são, por si só, informação registrada, e veiculam memórias, representações, produzem conhecimento e suscitam diversas discussões, causando então impactos expressivos no cenário político e sociocultural.

À vista disso, o objetivo desta comunicação é analisar algumas das representações manifestadas pela comunidade de *drag queens* do Harlem, a partir de narrativas presentes no documentário *Paris is Burning*.

2 MÉTODO

A pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa e usa recortes de cena do documentário *Paris is Burning* para compor quadros narrativos, dos quais três serão

apresentados nesta comunicação. Utiliza o método Análise do Discurso que segundo Paltridge (2012), verifica de que forma a linguagem é influenciada pelas interações entre os participantes e de que maneira o seu uso no discurso influencia as relações sociais e as construções identitárias no contexto sociocultural de ocorrência. O método é utilizado também, para amparar o instrumental analítico indexicalidade, método que “[...] aponta para uma variedade de discursos, narrativas, vozes e convenções sociais – em suma, jogos de linguagem em que nos engajamos” (FABRICIO, 2016, p. 137). A partir desse conceito, serão utilizadas as cinco pistas indexicais propostas por Wortham (2001), traduzidas ao português por Moita-Lopes (2006), a saber:

- I. **Referência e predicação** (*reference and predication*): referências são os elementos do mundo ao qual o narrador se refere através do discurso, enquanto predicação é a caracterização dos objetos escolhidos e mencionados pelo narrador. Quando narradores fazem referências e predicações durante uma narrativa, eles estão indexalizando o modo como se posicionam perante esses conceitos;
- II. **Descritores metapragmáticos** (*metapragmatic descriptors*): são os verbos que descrevem exemplos de uso da linguagem, que caracterizam o discurso de alguém e trazem consigo uma avaliação desse discurso;
- III. **Citações** (*quotation*): estão relacionadas à citação da fala do outro e a maneira que sua escolha e reprodução evidenciam o modo pelo qual o falante se posiciona em relação ao que foi dito;
- IV. **Índices avaliativos** (*evaluative indexicals*): são as expressões e formas de se comunicar (construções gramaticais, sotaques etc) que caracterizam socialmente grupos sociais ou sujeitos sociais;
- V. **Modalizadores epistêmicos** (*epistemic modalization*): expressam o tipo de acesso que o narrador tem ao que é narrado (MOITA-LOPES, 2006), apontando aspectos como, por exemplo, a participação do narrador ou o tempo no qual o que foi dito aconteceu.

A partir da utilização das pistas indexicais como ferramenta de coleta de dados narrativos, procurou-se analisar o encadeamento entre linguagem, representação e sentido, e também, como aponta Hall (2016), as formas em que o conhecimento elaborado por determinado discurso, nas cenas recortadas, se relaciona com poder, regulam condutas, inventam ou constroem subjetividades, definindo assim a maneira pela qual certos objetos serão representados, concebidos e experimentados.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O objeto de estudo da Ciência da Informação (CI), como o próprio nome sugere, é a informação. Nessa perspectiva, Wersig e Neveling (1975, p. 28) discorrem sobre a informação no âmbito da CI, sendo o termo entendido como a transmissão de conhecimento. Os autores postulam que “[...] o problema da transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social e essa responsabilidade social parece ser o pano de fundo da ciência da informação”.

O paradigma social da CI proposto por Hjørland e Alberechtsen (1995) e Hjørland (2002) é visto no que os autores intitulam de “análise de domínio”. Percebe-se, assim, que a informação provoca mudanças no entendimento do receptor de uma dada comunidade discursiva, resultado de sua interação com o meio, ou seja, a informação faz sentido, quando inserida em um determinado espaço social ou cultural (SANTOS, 2016, p. 44). As comunidades discursivas nada mais são do que “distintos grupos sociais sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento, constituintes da sociedade moderna”. (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004 APUD SANTOS, 2016, p. 44).

Freire (1995, não paginado) cita pesquisa desenvolvida por Belkin e Robertson em 1976, visando a identificar o sentido do termo informação que estaria ligado à CI, de forma a propor uma definição: “informação é o que é capaz de transformar estruturas”. Os autores interpretam que essa transformação se dá a partir da “[...] interface das estruturas conceituais e sociais com o conhecimento formalizado”, isto é, com o documento.

Ao examinar o conceito representação, percebe-se seu significado atrelado à ideia de “estar no lugar de”. Apesar de parecer, a princípio, uma definição relativamente simples, o conceito de representação é estudado com afinco em diversas áreas do conhecimento e se caracteriza por sua complexidade e ambiguidade ao levantar a possibilidade de ser e não ser, ao mesmo tempo, a coisa representada.

Segundo Eco (2000, p. 6) “sempre que, com base em regras subjacentes, algo materialmente presente à percepção do destinatário está para qualquer outra coisa, verifica-se significação”. Com essa premissa, o autor concebe os códigos como sistemas de significação que unem entidades presentes e entidades ausentes em um processo, respectivamente, de significação, decodificação e substituição. A ideia da representação na frase “estar no lugar de” pode ser observada, por exemplo, nas práticas da representação da informação e do conhecimento, na CI: o catálogo ou base de dados, entidade presente, mostra-se resultante de um processo de decodificação e substituição da materialidade do documento, entidade ausente.

Moscovici (2007) entende representação como todas aquelas ideias, crenças e explicações que permeiam nossos pensamentos e acabam por tomar a forma de uma pessoa, um objeto ou um acontecimento por meio das influências sociais com que nos deparamos na nossa vida cotidiana. Essas representações seriam então resultado de interações que acabam servindo para que se estabeleçam as associações pelas quais estamos mutualmente ligados. Para o autor, representação é, substancialmente, a relação entre imagem e significação: a representação acaba por igualar toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem.

Stuart Hall (2016) trabalha a representação dentro dos estudos culturais, apontando que a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura. Por sentido, o autor entende que, se o indivíduo está munido de um conceito para algo, pode-se dizer que este sabe seu ‘sentido’ (HALL, 2016), indo ao encontro de Bakhtin, que ressalta “[...] chamo sentido ao que é *resposta* a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido.” (BAKHTIN, 2010, p. 386, grifo do autor). Já linguagem é entendida e trabalhada pelo autor no sentido mais amplo da palavra, isto é, “[...] qualquer som, palavra, imagem ou objeto que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema, são, sob esta ótica, ‘uma linguagem’.” (HALL, 2016, p. 16) Dessa forma, “[...] pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual linguístico.” (HALL, 2016, p. 43, grifo do autor).

Hall (2016) considera a cultura enquanto um conjunto de valores ou significados que são compartilhados, sendo que tal compartilhamento só pode ser feito por intermédio da linguagem em suas diversas maneiras de expressão (escrita, imagética, oral, corporal etc). A linguagem, nesse âmbito, também tem seu funcionamento condicionado aos sistemas de

representação e por isso tem vinculação estreita com as perspectivas sociais e históricas. Hall postula ainda, que para que haja comunicação, há que se verificar a existência do compartilhamento das convenções linguísticas e dos códigos utilizados no processo comunicacional. Nesse contexto, o autor, em sua perspectiva analítica, considera que “toda representação é resultante da produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” e que “é a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo 'real' dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios” (HALL, 2016, p. 34).

Em contrapartida, os sistemas de representação, enquanto construções sociais (não individuais) funcionam como “diferentes maneiras de organizar, agrupar e classifica-los [os conceitos], bem como em formas de estabelecer relações complexas entre eles.” (HALL, 2016, p. 35). Como síntese das reflexões de Hall (2016) sobre o processo de significação na cultura, por meio da representação, pode-se citar que

No cerne do processo de significação na cultura surge, então, dois ‘sistemas de representação’ relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas, etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre ‘coisas’, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de representação.” (HALL, 2016, p. 38).

Estas reflexões serão importantes para as análises das sequências narrativas do documentário, na seção subsequente, quando as *drags queens*, no processo narrativo, evidenciam memórias, valores, ideologias, códigos sociais, vinculações ou compartilhamentos a padrões culturais etc.

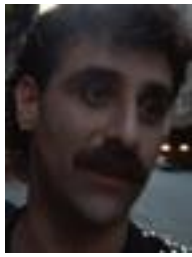
4 REPRESENTAÇÕES EM CHAMAS

Paris is Burning é um filme sobre o circuito dos bailes e a comunidade de LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual) que está envolvida neles. A cultura dos bailes, de acordo com Cunningham (1995), teve início em meados de 1920 em vários pontos de Nova York, tendo

poucas categorias de competição e *drag queens* majoritariamente brancas. *Drag queens* negras raramente participavam e, quando o faziam, era esperado que clareassem seu tom de pele. Por conta desse contexto restritivo e racista, a comunidade de *drag queens* negras decidiu por estabelecer sua própria cena no Harlem, sendo este o circuito onde o documentário *Paris is Burning* é gravado.

A seguir, apresentam-se para análise os recortes de cena do documentário *Paris is Burning* para compor três quadros narrativos apresentados nesta comunicação.

Quadro 1 – País das Maravilhas¹

Narrador	Sequência	
Xtravaganza não identificadx 	1'12"26	“É como atravessar o espelho do País das Maravilhas. Você entra lá e se sente...você se sente cem por cento certo ok em ser gay. [Jennie: E não é dessa forma no mundo?] Não é dessa forma no mundo. Não é dessa forma no mundo. E quer saber, deveria ser assim no mundo.”


Fonte: Elaborado pelos autores a partir do documentário *Paris is Burning*.

O membro da *House of Xtravaganza*, cujo nome não foi creditado ao longo do filme, é um dos primeiros narradores a levar para o espectador um entendimento sobre a sensação que os bailes proporcionam. Ele utiliza “País das Maravilhas” como referente para representar a sensação de pertencimento proporcionada pelos bailes. Criado por Lewis Carrol em 1985, o País das Maravilhas é um universo alternativo à realidade a qual pertence a personagem Alice. Tal como o País das Maravilhas, os bailes representam um terreno de possibilidades para seus frequentadores, isto é, um lugar onde é possível ser e fazer coisas que, no plano da realidade, não seria. O narrador induz essa questão ao afirmar que, em um baile, você se sente “cem por cento ok em ser gay”. Na sequência, ele utiliza o modalizador epistêmico “não é” em sua fala para afirmar que “não é dessa forma no mundo”. O modalizador utilizado possui um caráter de afirmação, expressando um juízo de valor, uma avaliação, assinalando uma adesão do falante ao que ele diz. Caso ele tivesse modelado epistemicamente sua fala com “acho que” – “Acho que não é assim no mundo” – ele poderia estar aberto ao debate com seu interlocutor. No entanto, ao modalizar com “não é”, ele não

¹ Texto original: It's like crossing into the looking glass in Wonderland. You go in there and you feel...you feel a hundred percent right as being gay. [Jennie: And that's not what it's like in the world.] That's not what it's like in the world. That's not what it's like in the world. You know, it should be like that in the world.

deixa dúvidas de que não se sente seguro em manifestar sua homossexualidade fora do circuito dos bailes.

Quadro 2 – *House/Família*²

Narrador	Sequência	
Dorian Corey 	51'53"	"Uma <i>house</i> ? Vejamos se consigo ser claro. São famílias. Você pode dizer isso. São famílias...para muitas crianças que não tem famílias. Mas é um novo significado de família. Os <i>hippies</i> tinham famílias, mas ninguém falava nada disso. Não é uma questão de homem, mulher e filhos que cresceram como uma família. É uma questão de grupos de seres humanos com vínculos em comum."

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do documentário *Paris is Burning*.


Em sua narrativa, Dorian Corey explica à diretora do documentário, o que seria uma *house* no contexto da comunidade a qual ele pertence. Em inglês, o termo "house" é utilizado para representar o conceito de "casa" ou "lar" para a sociedade. Entretanto, a comunidade representada no documentário ressignificou termos e conceitos tradicionais, sendo esta a razão que acaba por levar seus narradores a explicá-los a interlocutores que não partilham do mesmo código linguístico. Logo, *house* é, desde já, um dos índices avaliativos que compõe a linguagem específica de *Paris is Burning*.

Segundo o narrador, pode-se dizer que *house* é uma família, sendo ambos referentes que, em nível de caracterização conceitual, tornam-se equivalentes. Como o próprio narrador induz, é um novo significado de família, não o próprio, e isso se explica na sequência quando é feita uma comparação entre a família que as *houses* representam e a família dos *hippies*. Quando Dorian traz em sua narrativa a afirmação "os *hippies* tinham famílias, mas ninguém falava nada disso.", entende-se que, caso ele afirmasse que uma *house* é uma família, sua afirmativa seria refutada, o que não aconteceria no caso dos *hippies* pois, apesar de não serem um agrupamento tradicional, eles ainda partilham, na visão de Dorian, do que pode-se entender como condição – ou imposição – básica para serem socialmente aceitos enquanto famílias: "homem, mulher e filhos que cresceram como uma família". Dorian traz para seu discurso, então, a ideia da família tradicional, bem como o

² A house? A house. Let's see. Let's see if we can put it down sharply. They're families. You can say that. They're families... for a lot of children who don't have families. But this is a new meaning of family. The *hippies* had families and no one thought nothing about it. It wasn't a question of a man and a woman and children, which we grew up knowing as a family. It's a question of a group of human beings in a mutual bond.

índice, *house*, utilizado em sua comunidade para representar a família simbólica a qual pertencem grupos de seres humanos unidos por um “vínculo em comum”.

Quadro 3 – Mãe³

Narradora	Sequência	
Angie Xtravaganza 	48'24"	“Meu nome é Angie Xtravaganza, eu sou a <i>mother</i> da <i>House of Xtravaganza</i> . Quando tem baile, eu sempre estou fazendo algo para minha casa. Faço cabelo de alguém, a maquiagem de outro, escolho sapatos deles, os acessórios. Também ofereço conselhos, pelo que sei e pelo que passei na vida enquanto gay. Fugi de casa aos quatorze anos. Eu aprendi vários tipos de coisas, coisas boas e ruins. Como sobreviver no mundo gay...você sabe, é bem difícil.”

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do documentário *Paris is Burning*.

Angie Xtravaganza constrói em sua narrativa o índice *mother* diretamente de um lugar de afeto e amparo. Arrumar o cabelo, escolher sapatos – ações de cuidado que a representação social da maternidade reproduz. Ela se identifica com tal representação e se coloca nesse papel nas interações sociais de sua comunidade. Angie coloca a homossexualidade enquanto fator que acaba por configurar o índice *mother*, sendo então a base de similaridade que possibilitou identificações identitárias entre os indivíduos e que resignificou o conceito tradicional de mãe para a o conceito de *mother* – isto é, a figura materna que cuida, que aconselha, e, para além disso, aceita filhos enquanto gays. Na sequência 47'02”, um dos filhos de Angie destaca que

No meu aniversário, Angie sempre me dá um presente. Eu não ganho nada da minha mãe de verdade. Fui expulso de casa e Angie me deixou ficar com ela até eu me reerguer e trabalhar. Ela sempre me alimentou. Ela pode ser um pé na bunda as vezes, mas eu não a trocaria por nenhuma outra mãe (PARIS..., 1981, não paginado, tradução nossa).

O membro da *House of Xtravaganza*, cujo nome não foi identificado no documentário, cria uma oposição entre Angie e sua mãe biológica ao trazer o referente “mãe de verdade” para o discurso. No entanto, as convenções sociais que se associam a representação materna são atribuídas à Angie, e não à mãe biológica que o expulsou de casa. Angie, a mãe simbólica, é quem o acolhe, alimenta, dá presentes. Ela também pode ser

³ My name is Angie Xtravaganza and I am the mother of the *House of Xtravaganza*. When there's a ball, I'm always doing something for everybody in my *house*. I do that one's hair, the other one's makeup. You know, choose their shoes, their accessories. I always offer advice, you know. I mean, as far as what I know and what I've been through in gay life, you know. I ran away from my *house* when I was 14 and I've learned all sorts of things, good and bad, and how to survive in gay world, you know. It's kind of hard.

“um pé na bunda”, referente que denota algo como irritante, chato. Ao longo do documentário, Angie só apareceu em narrativas maternas. Diferente de outras *drag queens*, que narraram como funcionavam as convenções do universo dos bailes, Angie narrou apenas as convenções esperadas de uma *mother* naquela comunidade. Seria lícito, então, afirmar que a figura de Angie representava, no contexto de *Paris is Burning*, a representação maternal ideal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou como questão de pesquisa a proposta de olhar para as formas que os sistemas de representação estão em funcionamento e podem ser verificados a partir do olhar para as narrativas do documentário *Paris is Burning*, tendo como objetivo a análise de algumas das representações manifestadas pela comunidade de *drag queens* do Harlem, Nova York, em meados de 1980, a partir de narrativas presentes no documentário.

Ao direcionar o olhar para o universo simbólico constituído pelos atores sociais daquela comunidade, foi possível examinar algumas nuances que eram atribuídas à subcultura representada no documentário.

Os bailes apresentaram-se como agrupamentos que compartilhavam não apenas de construções identitárias em comum, mas também valores, práticas e objetos culturais. Os emergiram como um terreno de possibilidades, permitindo que a comunidade construísse um universo simbólico formado por um grupo de pessoas unidas por laços mútuos de identificação e que, assim, veiculavam respectivas representações em comum.

Por meio das narrativas, determinados conceitos sociológicos clássicos foram apropriados e ressignificados. Foi realizada então, uma atualização de valores tradicionais, a exemplo de casa, família, mãe, sendo então uma reconfiguração existencial de um grupo em uma perspectiva informacional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Por uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: SP: Pedro & João Editores, 2010.

BLADE, Washington. **‘Paris is Burning’ added to National Film Registry**. [2016]. Disponível em: <http://www.washingtonblade.com/2016/12/15/paris-burning-added-national-film-registry/>. Acesso em 18 jun. 2023.

CUNNINGHAM, Michael. **The slap of love**. 1995. Disponível em: <https://opencity.org/archive/issue-6/the-slap-of-love>. Acesso em: 01 jul. 2023.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, p. 129-140, 2016. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1022>. Acesso em 28 jun. 2023.

FREIRE, Isa Maria. Informação; consciência possível; campo: um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 24, n. 1, 1995.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HILDERBRAND, Lucas. **Paris is burning: a queer film classic**. Arsenal Pulp Press, 2013.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, H. Toward new horizon in Information Science: domain analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, [s.l.], v. 42, n.6, p. 400-425, 1995.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in Information Science: eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, [s.l.], v. 58, no. 4, p. 422-462, 2002.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. On being white, heterosexual and male in a brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: FINNA, Anna de; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael (Org.). **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 288-313.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PALTRIDGE, B. **Discourse Analysis: an introduction**. 2.ed. New York: Bloomsbury Publ., 2012.

PARIS is burning. Dirigido e produzido por Jennie Livingston. [s.l.]: Miramax Films, 1991.

SANTOS, M.J.V.C. **Adolpho Lutz e a Medicina Tropical no Brasil: análise bibliométrica de cartas como gênero do discurso científico**. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado) - Programa em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, [s.l.], v.9, n.4, 1975.

WORTHAM, Stanton. Dialogue, mediation, and emergence in narrative. In: WORTHAM, Stanton. **Narratives in action**: a strategy for research and analysis. New York: Teachers College Press, 2001. p. 47-62.